

## O ROMANCE POÉTICO DE NOVALIS E DE NERVAL

Guacira Marcondes Machado  
1

### Resumo:

*Partindo de estudo realizado por Todorov em Les Genres du Discours, sobre a obra de Novalis Heinrich von Ofterdingen, apresentamos análise da narrativa de Gérard de Nerval, “Sylvie”, incluída em Les Filles du Feu, para demonstrar que, como a obra de Novalis, a de Nerval também se inclui na categoria de um romance poético.*

*Palavras-chave: romance, romance poético, Novalis, Nerval, narrativa.*

A leitura de um dos itens da II Parte do livro *Les Genres du Discours*, “Le Roman poétique”, de T. Todorov (1978), texto no qual analisa a composição de *Heinrich von Ofterdingen*, de Novalis (1772-1801), bem como de uma teoria da narrativa aí presente, levou-nos à composição de “Sylvie”, de Gérard de Nerval (1808-1855), uma das narrativas de sua coletânea *Les Filles du Feu*. É, pois, do ponto de vista de quem reflete sobre essa teoria de Novalis e vê a composição de *Heinrich* que essa aproximação entre as duas obras será feita aqui.

*Heinrich von Ofterdingen*, que Novalis iniciou em 1808 e não concluiu, é a história da vida de um poeta, e encarna, ao mesmo tempo, o gênero e o homem poéticos.

“Sylvie” (1854), de Gérard de Nerval, poeta, homem de teatro, escritor e tradutor francês, relata alguns fatos fragmentados que, alterados pela imaginação, remetem a uma certa fase da existência do autor. Contendo 14 curtos capítulos, nos quais o leitor é levado a seguir o autor/narrador/protagonista no mergulho em suas lembranças, a narrativa chega ao nível da enunciação no 14º e último capítulo. É em torno do teatro e de uma festa tradicional da região do Valois, a Festa do buquê provincial, que se desenrolam os poucos fatos que compõem essa narrativa, feita de voltas sucessivas a alguns momentos do passado. G. de Nerval, obcecado pela ação do tempo, confronta aí as fases de sua existência e as faces de seu “eu” em busca de sua verdade (CELLIER, 1965).

Atentar para a composição dessa narrativa do autor francês permite que se distingam nela todos os elementos que Todorov apontou e comentou em *Heinrich*.

Voltando ao texto de Todorov, o leitor dá-se conta com ele de que, por três vezes, Novalis opõe dois tipos de homens em sua narrativa. Na primeira vez, conversando com os comerciantes que o acompanham, é Heinrich que fala de “dois caminhos para atingir o conhecimento da história humana” (apud Todorov, 1978, p.105): o difícil e sem fim que é o caminho da experiência e, o outro, o salto único, ou quase, que é o caminho da contemplação interior. Na segunda vez, é o autor, Novalis, que toma a palavra, no início do capítulo seis, no qual explica que a primeira espécie é a dos homens de ação, aqueles que nasceram para as coisas do mundo, que não sabem se entregar a reflexões silenciosas, e cuja alma não é contemplativa. Trata-se dos heróis e em torno deles apresentam-se os acontecimentos que devem ser dirigidos e realizados. Quanto à segunda espécie, esta é a dos homens tranqüilos, que se recolhem, desconhecidos, para quem o mundo é interior, a ação contemplativa e a vida um secreto e discreto aumento das formas interiores. Nada os impele para o exterior, bastam-lhes as narrativas dos livros para ter conhecimento de tudo o que aparece no mundo. A cada passo, fazem em si próprios as descobertas mais surpreendentes sobre a essência e o significado desse mundo. Estes são os poetas

Na terceira vez, Klingsohr evoca rapidamente o mesmo contraste e marca a perfeita simetria entre as duas espécies de homens: os heróis puros, cuja figura tem como contra-imagem e complemento o poeta.

Logo se verifica que *Heinrich von Ofterdingen*, um romance, como se apresenta seu título, expõe a história da vida de um poeta, e não de um herói, e encarna, como já foi dito anteriormente, ao mesmo tempo o gênero e o homem poéticos.

Todorov recorre também a breves observações de Novalis em rascunhos e projetos de *Heinrich von Ofterdingen*: neles, o jovem autor indica que não haverá transição propriamente histórica para passar à segunda parte do livro, para demonstrar o arranjo e a coerência poética dessa obra, isto é, uma coerência e uma continuidade poéticas e não históricas. Novalis, segundo Tieck, na Nota que este escreveu para o livro, pretendia exprimir a própria essência da poesia e expor seu propósito mais profundo: a natureza, a história, a guerra ou a vida comum com todas suas banalidades transformam-se em poesia.

Guardando em mente essas intuições de Novalis, Todorov tece suas considerações: tem a impressão de que *Heinrich* é um “romance não-inteiramente-como-os-outros” (1978, p. 107) e é o qualificativo “poético” que lhe vem ao espírito. E Todorov busca explicitar os pontos que o levaram a essa impressão. De nossa parte, usaremos seus comentários sobre *Heinrich von Ofterdingen*, romance poético, portanto, para mostrar que “Sylvie”, uma das narrativas de *Les Filles du Feu* de Gérard de Nerval, pode e deve ser assim compreendida e interpretada..

“Sylvie” tem como subtítulo *Souvenirs du Valois* [Lembranças do Valois], o qual, sem dúvida, prepara o leitor para a natureza daquilo que vai ler. E, como *Heinrich*, é uma narrativa que se limita a pouca coisa: ela contém 13 curtos capítulos, nos quais a narrativa principal, na primeira pessoa, relata lembranças e é interrompida por outras que também contam lembranças mais recuadas e que têm, sempre, o mesmo protagonista, chamado Gérard. Como no texto de Novalis, Gérard se lembra de fatos passados, de conversas com algumas personagens, sonha, desperta, é transportado em uma longa viagem durante a qual se entrega àquelas lembranças que recuam até sua infância. Trata-se, portanto, de narrações de 2º e 3º graus. O 14º capítulo é o do presente da enunciação.

Tal como acontece nessas narrações de recordações, o sonho, diz Todorov (1978), desloca a narrativa para outro nível, abre nova linha de fatos, suspendendo com isso a narrativa principal que, em “Sylvie” [Sílvia], é a de 2º grau. Seu segundo capítulo inicia-se assim: “Quando me deitei não consegui conciliar o sono. Mergulhado em semi-sonolência, toda a minha juventude desfilava numa longa sucessão de recordações” (NERVAL, 1986, p. 16). O que lhe vem à mente, nesse estado, introduz uma narrativa de 3º grau, ocorrida em sua adolescência, e explica o “arrebato fatal” por aquilo que ele desconhece, isto é, se a atriz que ele ama poderia ser a jovem que ele amou e que se tornou religiosa.

O que ocorre durante esse estado de semi-sonolência – o relato de seu encontro com Adriana, a jovem que se tornará religiosa, pode ser visto como uma alegoria, pois no capítulo seguinte (III), ele próprio nos dá a chave de seu significado: “Esta recordação semi-sonhada me explicava tudo. Este amor vago e sem esperança por uma mulher do teatro [...] tinha o seu germe na lembrança de Adriana, flor noturna desabrochada ao pálido clarão da lua [...]” (1986, p. 20). Essa referência à flor poderia ser um intertexto de Novalis em “Sylvie”? E a chave interpretativa continua a ser dada pelo narrador/protagonista: “A semelhança com um vulto esquecido há anos impunha-se agora com uma clareza singular” (NERVAL, 1986, p. 21). Aqui, ao contrário do que ocorre com frequência em *Heinrich*, essa narrativa de terceiro grau, que tem, portanto, ações internas, traz consequências para a continuação da história, pois o protagonista reage a essa descoberta: “Amar uma religiosa sob a forma de uma atriz! E se fosse a mesma? (pág.21)

Ainda, como em *Heinrich*, em todas as narrativas de “Sylvie” tem-se o mesmo narrador em níveis temporais diversos. E, como em Novalis, as ações são pouco numerosas, repetidas através da narrativa em um paralelismo visível, e não relatam acontecimentos impressionantes e memoráveis, como bem analisa Todorov.(1978).

Outro aspecto que aproxima Sílvia da obra de Novalis é o fato de que nessas narrativas de terceiro grau, que constituem quase toda a primeira metade da obra (até o capítulo VII), há principalmente seguidas reflexões. Quando retomada, a narrativa de segundo grau, dá continuidade às reflexões. Um bom exemplo é do longo parágrafo, no capítulo I (NERVAL, 1986, p. 11,12), em que o narrador parece justificar a ausência das coisas do mundo em sua narrativa; ao contrário, nela encontram-se quase que tão somente lembranças pessoais, contemplação interior:

Vivíamos então numa época estranha, como costumam ser as que ordinariamente sucedem às revoluções ou às quedas dos grandes reinados. [...] Jera uma mistura de atividade, de hesitação e de preguiça, de utopias brilhantes, de aspirações filosóficas ou religiosas, de entusiasmos vagos, a par de certos instintos de renascença; tédio das discórdias passadas, de esperanças incertas [...] A ambição, entretanto, não fazia parte de nossa idade e a ávida caça que então se verificava às posições e às honrarias afastava-nos das esferas possíveis de atividade. Só nos restava como asilo a torre de marfim dos poetas onde subíamos cada vez mais alto para nos isolar da multidão. Nessas alturas para onde os nossos mestres nos conduziam, respirávamos enfim o ar puro da solidão, bebíamos o esquecimento na taça de ouro das lendas, sentindo-nos ébrios de poesia e de amor!

Como no texto de Novalis, a atividade da fala pode ser encontrada por toda parte em Sílvia e bastante fragmentada. Por exemplo, no capítulo I, Gérard conta o que lhe disse o tio, homem do século XVIII, sobre as mulheres; o que lhe revela um de seus companheiros do Círculo que frequenta sobre a atriz; no capítulo II, comenta o canto de velhas árias que repetem as jovens do Valois; o canto de Adriana; o que dizem sobre esta jovem; a conversa com Sylvie. No capítulo III há um monólogo interior marcado por travessões; o diálogo com o cocheiro que o conduz ao posto onde pegará a condução que o levará a Senlis, ao encontro de Sylvie. No capítulo IV há as palavras dessa jovem quando ele a encontra na festa e, no capítulo seguinte, também, as palavras de Sylvie quando ele vai procurá-la em casa; na sequência, no bosque, há uma conversa importante sobre Rousseau e a *Nouvelle Héloïse* enquanto se encaminham à casa da tia da jovem. No capítulo VI, a conversa entre Sylvie e Gérard prossegue na casa da tia, em Othys. Nos outros sete capítulos, o narrador retoma a narrativa inicial, de segundo grau, para relatar nova conversa entre Sylvie e Gérard, entre outras coisas de novo sobre a *Nouvelle Héloïse* de Rousseau, no capítulo X, continuada mais além no segmento quando falam sobre Walter Scott, as cantigas populares da região que Sylvie diz ter esquecido; sobre Adrienne, no passado; no capítulo XII, com outros personagens que Gérard conhece desde criança, a conversa faz menção a elas, àquilo que se tornaram e a Rousseau novamente. O capítulo XIII contém, novamente, alguns monólogos em forma de diálogo, também presente em um parágrafo do capítulo XIV, o único que contém narrativa de primeiro grau. Fato interessante é que uma narrativa predominantemente contada pelo narrador termina em diálogo, no qual Gérard toma conhecimento da morte de Adriana.

A escassez de ações, em “Sylvie” como em *Heinrich*, dá espaço à presença de cantos, de trechos de canções folclóricas, coros, recitações que lembram sempre a poesia. No Cap. II, “moças dançavam em roda sobre a grama cantando velhas árias transmitidas por suas mães e um francês tão naturalmente puro que nós sentíamos realmente estar nessa antiga região do Valois [...]” (NERVAL, 1986, p. 17); “A bela moça [Adrienne] devia cantar para ter o direito de voltar à dança. Todos se sentaram em torno dela e, logo, com uma voz fresca e penetrante, ligeiramente velada como a das jovens dessa região brumosa, ela cantou uma das antigas romanças cheias de melancolia e de amor [...]” (p. 17,18); Cap. III [...] ouço o ruído de seus [de Sylvie] bilros sonoros e a sua canção favorita: ‘A bela estava sentada/ Junto ao rio murmurante...’ (p. 21); Cap. V: “eu lhe falava da Nova Heloísa, recitando de cor algumas passagens” (p. 33); “e eu prosseguia recitando trechos da Nova Heloísa enquanto Sylvie colhia morangos” (p. 34); Cap. XI: “Sylvie modulou alguns sons de

uma grande ária de ópera moderna... Ela fraseava!... (p. 62); “Ela repetiu então os versos e o canto depois de mim: ‘Anjos, descei prontamente/ Ao fundo do purgatório!... (p. 63); “[...] Sylvie, que logo começou a cantar: ‘em Dammartin há três moças formosas/ E uma delas é mais bela do que o sol...’ (p. 65); Cap. XIV: “[...] nós lemos algumas poesias ou algumas páginas desses livros curtos que ninguém mais escreve” (p. 80).

Entre Gérard e Sylvie há muitas conversas de tema geral, como em *Heinrich*, mais particularmente sobre literatura e música: sobre Rousseau (Cap. V, p.33), trecho já citado; cap. VIII “Uma vez você me falou da *Nouvelle Héloïse*. Pois bem, li-a [...] (p. 48). “É uma paisagem de Walter Scott, não é? (p. 62); “Sublime... Creio que é de Porpora com versos traduzidos no século dezesseis” (p. 63).

O personagem Père Dodu também lembra Rousseau e suas idéias: “Jean-Jacques bem que tinha razão de dizer: “O homem se corrompe no ar envenenado das cidades (NERVAL, 1986, p. 68); ou ainda, o próprio Gérard : “não deixa de ser uma fatalidade ter um irmão de leite numa terra celebrizada por Rousseau, que propunha acabar com as amas-de-leite!” (p. 70).

Além disso, todo o texto está coberto de observações sobre construções arquitetônicas de tempos diversos, ruínas, fragmentos de canções, descrições de festas, de representações teatrais, que remetem ao tempo passado, à História, sob a perspectiva do olhar melancólico de Gérard, o narrador. Resta, portanto, pouco espaço e pouco tempo da narrativa para que haja ações no sentido forte, como diz Todorov (1978, p. 111).

Recorrendo ainda a esse crítico, constatamos que, em “Sylvie” de Nerval, as ações ou cenas não se encaixam, se atentarmos para a maior parte dos capítulos, que apresentam uma sequência natural e, não, de causa e efeito. Talvez este último recurso apareça do capítulo I ao II (a leitura sobre a Festa do “Bouquet provincial” no jornal provoca o sonho meio acordado do capítulo II); e deste ao III (Gérard descobre porque está interessado pela atriz e se lembra de Sylvie, partindo, assim, a sua procura). Os capítulos IV, V, VI contam acontecimentos que se passam em dois dias seguidos; o capítulo VII é de difícil situação temporal, pois o próprio narrador se pergunta, ao final dele: “Ao evocar estes pormenores chego a me perguntar se são mesmo reais ou se os sonhei (NERVAL, 1986, P. 44). Os capítulos VIII, IX, X, XI e XII transcorrem em um só dia. O capítulo XIII, ao contrário, conta acontecimentos ocorridos em cerca de dois anos. Finalmente, o capítulo XIV é o do presente da narrativa (isto é, o momento da enunciação em que Gérard está contando os acontecimentos que constituíram os treze capítulos anteriores). Assim, de forma bem particular, o leitor atento consegue perceber que há uma sequência entre os fatos relatados.

Tudo o que foi narrado faz cair por terra a possibilidade, para Gérard, de ligar-se a uma das três mulheres que ele amou nessa época.

No entanto, como em *Heinrich*, não só os acontecimentos, mas em número bem maior as descrições exaustivas do Valois e de sua História, sempre presentes na narrativa, ocupam um espaço considerável e revelam as relações que a memória, os sentimentos, a erudição guardam com essa região natal de Gérard.

Constatamos até aqui muita coisa em comum entre as duas obras: nelas, o conjunto das sequências contém pouca narração e muitas reflexões de toda ordem, cantos, recitações, conversas sobre literatura, hábitos passados, e, em “Sylvie”, descrições de uma festa que se repete todos os anos ( são mencionadas quatro delas em “Sylvie”), de uma peça de teatro a que ele assiste por um ano, porque se apaixonara pela atriz. Há ainda muitas descrições da natureza profusa do Valois onde ocorrem esses poucos fatos. Quando chegamos ao capítulo XIV, descobrimos o momento da enunciação da narrativa de primeiro grau. Todos os treze capítulos anteriores contêm, majoritariamente, momentos de representação dessa enunciação, o passado da memória, que compõe a obra, com narrativa de segundo grau na qual se inserem outras de terceiro , para, só no último capítulo chegar-se à de primeiro grau.

Todorov aponta ainda outra particularidade do romance poético que vamos encontrar em “Sylvie” e de tipos diferentes: o paralelismo de vários de seus elementos, a tendência à semelhança e à identificação. Tieck, na Nota para *Heinrich* escreveu: “Esta segunda parte intitula-se A realização, assim como a primeira recebera por título A espera, porque se devia ver nela o desenlace e a realização de tudo o que, na outra, podia ser adivinhado e pressentido” (apud TODOROV, 1978, p.113, trad. nossa).

Ora, essa mesma relação paralelística pode ser encontrada na composição de “Sylvie”, mas com alguma diferença: na primeira parte da obra (até o Cap. VII), o leitor conhece todos os sonhos e esperanças de Gérard naquela fase de sua vida, e assiste com ele às ilusões que “caem, uma após outra, como cascas de um fruto; e o fruto é a experiência”, como bem conclui ele no início do Cap. XIV (NERVAL, 1986, p.77). Ele dirá também: “Tais são as quimeras que nos encantam e nos alucinam na aurora da vida. Tentei fixá-las sem método nem ordem, porém muitos corações me compreenderão” (p. 77). Em “Sylvie”, portanto, na primeira parte da obra Gérard alimenta suas esperanças, do capítulo VIII ao final, ele constata a morte delas.

Há ainda o paralelismo provocado pelas Festas do Arco, onde Sylvie e Gérard se encontram sucessivamente, através dos anos, e graças ao qual o leitor pode ir vendo a revelação das transformações que ocorrem nas relações dos dois jovens.

A narrativa de Nerval também aproxima as jovens Adrienne e Aurélie e Adrienne e Sylvie, pois Gérard descobre entre elas semelhanças que o perturbam. O sonho que teve o fez compreender que o interesse pela atriz (Aurélie) se devia ao fato de que, todas as noites, ela lhe aparecia como Adrienne, aquela primeira vez: “flor noturna desabrochada ao pálido clarão da lua, fantasma róseo e louro deslizando sobre a grama semibanhada de brancos vapores. A semelhança com um vulto esquecido há anos impunha-se agora com uma clareza singular” (1986, p.20,21). Ele assusta-se muito com isso: “Amar uma religiosa sob a forma de uma atriz!... E se fosse a mesma? – É de enlouquecer!” (1986, p. 21).

Outro paralelismo pode ser visto na figura do duplo que aparece na narrativa: é o irmão de leite de Gérard que irá se casar com Sylvie.

Quanto à grande quantidade de *mise en abyme* que Todorov aponta em *Heinrich*, nós a encontramos também em “Sylvie”. Trata-se da proximidade entre os amores de Julie e Saint-Preux, sugeridos nas menções seguidas que Sylvie e Gérard fazem à *Nouvelle Héloïse* de Rousseau, e os desses jovens, nos quais podemos ver o preceptor e sua discípula. De fato, instigada em parte por Gérard, Sylvie deixa de ser uma simples camponesa, pois se tornou uma industriosa fabricante de luvas e se dedica à leitura, fatos que a fazem aproximar-se socialmente de Gérard.: “Sílvia mostrava-se num vestido de senhorita, quase ao gosto da cidade” (NERVAL, 1986, P.57); “Mas comecei a compreender que, graças aos seus dotes de trabalho, Sílvia deixara de ser uma camponesa” (p. 60).

Há também a menção a Carlota e Werther “menos as pistolas”, cuja história serviria de *mise en abyme* para as de Gérard e Sylvie.

Talvez possamos finalizar com a imagem que fala “de algumas poesias ou algumas páginas de livros curtos que ninguém mais escreve” (NERVAL, 1986, P. 80) e que remete, sem dúvida, ao próprio livro que Gérard escreveu.

Finalmente, essa leitura do romance poético de Nerval deixa transparecer que, como o autor alemão, ele escreve sua obra em momento derradeiro de sua vida, e deixa transparecer nela, também, uma alegoria. Nela, “Sylvie” apresenta-se como o relato de uma contemplação interior através dos flashes da memória de seu autor/narrador/protagonista em busca de conhecimento de sua verdade. Precursor, nesse aspecto, de Proust, Nerval tentou ir em busca do tempo perdido e, nesse percurso, a literatura, a poesia serviram-lhe de forma redentora, oferecendo-lhe a possibilidade de salvação.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] TODOROV, T. *Les Genres du Discours*. Paris: Seuil, 1978.
- [2] NERVAL, G. de *Sylvia*. Trad. Luís de Lima. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.  
“Sylvie”. In: *Les Filles du Feu*. Paris: Garnier-Flammarion, 1965.
- [3] CELLIER, L. “Préface”. NERVAL, G. *Les Filles du Feu*. Paris: Garnier-Flammarion, 1965, p.11-18.

---

<sup>1</sup> Guacira MARCONDES MACHADO, professora adjunta da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR) – UNESP/ARARAQUARA. Departamento de Letras Modernas.  
E-mail: [guacira@fclar.unesp.br](mailto:guacira@fclar.unesp.br)